

## Editorial

### A curva exponencial da barbárie

Marcello Messina<sup>1</sup>

Valério Fiel da Costa<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba  
marcello@ccta.ufpb.br - fielcosta2@gmail.com

*Soffia in lu mondu u ventu d'inghjustizia  
Corre 'ssu velenu, si sparghje pianu pianu  
Invad'e nazione, scacci'a demucrazia  
Calpighja u dirittu, avillisce l'umanu  
(L'ARCUSGI, 2008).*

*[Sopra no mundo o vento da injustiça,  
Escorre esse veneno, se espalha pouco a pouco,  
Invade as nações, afasta a democracia,  
Pisoteia o direito, envilece o ser humano]*

No momento de fechar a edição passada, em finais de 2019, nunca teríamos imaginado que o número seguinte pudesse sair no meio de uma pandemia, com mais de cento e setenta mil mortes já confirmadas no Brasil, as UTIs lotadas em João Pessoa e mais de uma pessoa a cada mil que já morreu na cidade – entre as vítimas, queríamos lembrar neste número o querido Senhor Antônio de Souza (conhecido pela comunidade do CCTA como "Seu Bambam") trabalhador terceirizado da UFPB que foi morto pela COVID-19 no final de junho.

Nunca teríamos imaginado, mas talvez já temíamos, que esse novo número tivesse que sair em meio aos protestos contra a nomeação de um novo Reitor, escolhido pelo Presidente da República sem ter sido inicialmente incluído na lista tríplice pelo Colégio eleitoral da UFPB (depois de nem obter sequer um voto nesta instância) e depois de ter recebido apenas 5% dos votos na consulta pública à comunidade. Infelizmente tal ação de natureza despótica e abusiva tem sido uma constante no processo de destruição e aparelhamento das universidades e institutos federais desde 2019. Em 2020, foi nossa vez e a *Claves* acabou sendo construída sob impacto de uma dupla contingência: o isolamento de seus agentes devido à pandemia e a indignação pela violência perpetrada pelo governo federal contra a UFPB.

Na sua eloquente alusão ao corpo aprisionado de escravos e escravas, a imagem da capa dessa edição, que retrata as nossas alunas e alunos acorrentados em protesto fora do edifício da Reitoria, é emblemática de

uma situação radicada historicamente e continuamente legitimada neste país e pelo mundo afora. Fazendo também referência à canção em língua corsa incluída na epígrafe acima, falamos aqui de práticas talvez legais ou legalizadas, mas que por isso não cessam de ser profundamente injustas, destrutivas, lesivas de qualquer fundamento de democracia.

O tecido institucional vai se desfazendo e multiplicam-se tanto no macro quanto no micro casos de despotismo e defesa de prerrogativas personalistas no âmbito acadêmico produzindo uma situação de revolta e acirramento do debate político por um lado, o que é oportuno, mas por outro, o das cada vez mais sistemáticas tentativas, a portas fechadas, de esvaziamento do mesmo debate político forçando a uma naturalização do impronunciável. Mesmo nosso Centro foi acometido de tal golpismo em suas últimas eleições para a direção, que foram marcadas por uma grande mobilização coletiva e debates importantes. Porém, depois de muitas falhas e incertezas que, na prática, inviabilizariam a legitimidade do pleito, a comunidade, o conselho de centro, a comissão eleitoral e uma das chapas decidiram que seria oportuno refazer o processo de forma mais transparente. No entanto, a partir de um argumento tecnicista e no afã de evitar que novas eleições fossem realizadas empossou-se, num acordo de gabinete, um diretor de fragilíssima legitimidade. Ao que parece, nesses tempos, estamos fadados a sermos dirigidos pelos que temem sufrágios.

Enquanto escrevemos este editorial, a curva exponencial da barbárie continua em alta no país, entre negacionismos, banalizações da morte, violências racistas e de gênero. Entre os episódios gratuitos e brutais desse pico de barbárie, lamentamos, com muita dor, a morte violenta do Prof. José Geraldo Alves, mestrando da Universidade Federal do Acre, orientando de Marcello Messina no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, que foi ferozmente assassinado na sua habitação em Rio Branco, por uma dupla de criminosos ainda não identificados, que muito provavelmente o mataram apenas para roubar seus pertences.

Em meio a tudo isso, em nossos círculos há quem diga que nos cabe falar apenas de música. Este editorial e este número de Claves são dedicados à irresignação contra tal estado de coisas e afirma: a música é, *sim*, lugar de denúncia e de combate. Portanto, longe de falar apenas de música, construímos um número de natureza marcadamente interdisciplinar, com artigos que dialogam, entre outras disciplinas, com os estudos literários (Borges), a filosofia (Caron), a história (Silva) e o cinema (Carrega). A presente edição inclui também uma tradução, realizada por Thiago Barbosa Alves de Souza, do célebre ensaio *Who Cares if You Listen?* de Milton Babbitt, assim como o texto/partitura da peça *Mapas* de Gabriela Nobre.

A encomenda de partituras a artistas que atuam no meio da música experimental brasileira e que, via de regra, abdicaram há muito do

suporte partitural, uma vez que são performers de suas próprias obras, visa pôr em questão a funcionalidade típica do texto musical enquanto disparador de processos. Em muitos casos a partitura pode emergir como um resultado entre outros, até mesmo tardio, sobretudo quando tratamos de manifestações cunhadas por processos performáticos que amadurecem com o tempo. A Claves decidiu dar relevo a autores(as) dedicados a tal formato incentivando-os(as) a confeccionar partituras de obras em processo de modo a criar uma base de dados representativa da atividade musical corrente em tal subcampo, disponibilizando um dado material do atual estágio dessa produção para que fique ao alcance tanto dos questionamentos das musicologias sistemática e histórica brasileiras, quanto de eventuais performers interessados na execução de tal repertório. Nossa primeira convidada foi a artista carioca Gabriela Nobre, com a partitura *Mapas*, que muito generosamente aceitou ser a primeira compositora a colaborar com o projeto.

## Referências

L'ARCUSGI. Inghjustizia. *A voce ribella*. Arcu 002, Cas'Arcsugi, 2008.